

Música e troca: a oferta de hinos no Santo Daime

Lucas Kastrup F. Rehen¹

Resumo: O objetivo deste texto é analisar a oferta de hinos em duas igrejas do Santo Daime localizadas na cidade do Rio de Janeiro (RJ), ambas ligadas à linha de trabalhos espirituais fundada por Sebastião Mota de Melo. Em determinadas ocasiões, o daimista pode presentear outro membro da religião com músicas de inspiração mediúnica. Por intermédio destas ofertas de canções de louvor, ligam-se os mundos (dos espíritos e dos homens) propiciando um tipo especial de comunicação entre os daimistas. Além de trabalhos clássicos sobre o terreno da dádiva na tradição antropológica, o suporte teórico baseia-se na discussão de viés interacionista, entendendo a troca como uma “gramática”.

O objetivo do presente artigo é produzir uma investigação antropológica sobre a oferta de hinos religiosos do Santo Daime - religião nascida na floresta amazônica na década de 1930. A pesquisa enfoca, sobretudo, a vertente daimista do Cefluris (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), e outros grupos que mantêm relação de proximidade com este.

A “doutrina do Santo Dai-me” (rogativo do verbo dar) compõe um tipo de religiosidade inteiramente embasada na dádiva. A antropóloga Arneide Bandeira Cemin (2001) demonstrou a fecundidade desta perspectiva quando analisou a relação entre um grupo de daimistas de Porto Velho (RO) e a comunicação que estabelecem com os “seres do astral”, recebendo curas, ensinamentos, ajuda, incumbências, etc. A autora analisou a interferência das entidades sobrenaturais em termos de dons e contra-dons, investigando basicamente os membros das vertentes daimistas conhecidas como Ciclu (Centro de Iluminação Cristã Luz

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutorando em Ciências Sociais pela mesma instituição e Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).

Universal-Alto Santo) e Ceclu (Centro Eclético de Correntes da Luz Universal). Nestes contextos, não ocorre a oferta de hinos, prática criada pelo Cefluris que consiste em transformar a música em um presente, fazendo com que os hinos de louvor sejam dedicados entre os seguidores da religião

Os dados aqui analisados são produto de minha pesquisa de mestrado (Rehen 2007a), contando com dez entrevistas em profundidade. Entre os informantes estão Alfredo Gregório de Melo (presidente do Cefluris); Nilton Caparelli e sua esposa Tereza Paes Leme e Paulo Roberto Silva e Souza - líderes, respectivamente, das igrejas Jardim Praia da Beira-Mar e Céu do Mar, no Rio de Janeiro (RJ). Enquanto a primeira pertence ao Cefluris, a segunda mantém uma relação institucional independente, embora seja possível afirmar que ambas compartilham de um imaginário simbólico e práticas rituais bastante próximas. Os outros seis entrevistados são todos cariocas, seguidores da religião: quatro homens e duas mulheres, variando entre vinte e setenta e cinco anos de idade. Cada um dos casos ilustra as múltiplas possibilidades de participação dos adeptos dentro de um complexo ciclo de troca de hinos. Conto ainda com conversas informais e situações que observei em campo para ilustrar minhas observações.²

O artigo está dividido em duas grandes partes, cada qual subdividida em pequenas seções. Na primeira, forneço um breve histórico da doutrina do Santo Daime e da concepção nativa que descreve seus hinos como “presentes do Astral”. A segunda parte é dedicada à investigação do discurso nativo sobre o ato de presentear com músicas mediante a análise de situações vividas, e a mim narradas, por líderes e seguidores. Ao longo da análise inspiro-me em estudos antropológicos do campo de estudos sobre a dádiva, reportando-me às contribuições clássicas de Marcel Mauss (1974), além de outros autores citados pontualmente.

² Além disto, sou fardado no Santo Daime, e músico profissional. Para uma reflexão pessoal sobre a posição de “antropólogo-nativo”, ver introdução de minha dissertação de mestrado (Rehen 2007 a).

1. Um breve histórico

A bebida amazônica composta pelo cipó *Banisteriopsis caapi* e pela folha do arbusto *Psychotria viridis*, conhecida entre outros nomes como *Ayahuasca* – “cipó dos mortos” (Luna, 1986) – é utilizada largamente pela maioria dos povos indígenas da região amazônica, tendo sido rebatizada em 1930 pelo seringueiro maranhense Raimundo Irineu Serra com o nome de Santo Daime. Mestre Irineu, como ficou conhecido entre seus seguidores, afirmava manter uma comunicação espiritual com a Virgem da Conceição (ou Rainha da Floresta) por intermédio dessas plantas, propiciadoras do estado da *miração*³. De sua professora e de outros seres divinos Irineu teria recebido os hinos de louvor, transmitindo assim as instruções sobre os principais fundamentos constitutivos da religião do Santo Daime, a serem praticados dentro e fora das cerimônias.

A bebida, entendida como um sacramento religioso, é comungada pelos participantes dos rituais dentro das igrejas, durante os trabalhos espirituais, onde os adeptos utilizam o uniforme da farda com a distinção por gênero. O recebimento mediúnico dos hinos não foi um privilégio de Irineu e com o tempo muitos passaram a formar suas próprias coletâneas de cânticos, os *hinários* – mais tarde agrupados em pequenos cadernos, sempre entoados por todos os adeptos em ocasiões específicas e pré-estabelecidas pelo calendário religioso.

O ecletismo (Groisman, 1999) é a base da liturgia e da cosmologia daimista, formada a partir do catolicismo popular, cultos afro-brasileiros, tradições maranhenses como o Tambor de Mina e a pajelança, o esoterismo europeu e traços *ayahuasqueiros* indígenas (cf. Goulart 1996; Groisman 1999; Labate e Araújo 2004 e Labate e Pacheco 2004, entre outros). Diferentes rituais compõem a agenda de cerimônias. Os principais são hinário (ou bailado) – onde se canta e

³ Miração é o *locus* privilegiado do universo nativo: trata-se do encontro do participante com o divino. Entendida como um tipo de revelação, pode englobar alterações nos sentidos e pensamentos.

dança (baila) todos os hinos na ordem cronológica em que foram sendo recebidos por um dado fardado (membro do grupo) – e os trabalhos de concentração, missa, cura e feitio do Santo Daime (rito de preparação da bebida) (MacRae, 1992; Goulart, 1996).

Homens e mulheres entoam as canções em uníssono e os fardados, além de cantar e bailar, também devem tocar o maracá – instrumento provavelmente de origem indígena, semelhante ao chocalho – ou outros instrumentos musicais, como violão, sanfona, banjo, pandeiro, etc. acompanhando as três variações rítmicas que formam o vocabulário musical da doutrina: *marcha*, *valsa* e *mazurca* (Pacheco, 1999; Abramowitz, 2003; Rehen, 2007; Labate e Pacheco nesta coletânea) em cerimônias de até doze horas de extensão.

Em 1974, o amazonense construtor de canoas e também seringueiro, Sebastião Mota de Melo (o Padrinho Sebastião⁴), fundou o Cefluris e desde então é a *linha*⁵ do Santo Daime que atrai um maior número de adeptos. Céu do Mapiá é a igreja matriz, localizada na divisa entre os municípios de Boca do Acre e Pauini, no estado do Amazonas, sendo liderada pelo Padrinho Alfredo Gregório de Melo, filho de Sebastião Mota, desde seu falecimento em 1990 (MacRae, 1992).

Atualmente existem igrejas em mais de vinte países (Labate, Rose e Santos 2008) devido ao processo de expansão que teve início no ano 1982 com a criação da igreja “Céu do Mar”, no bairro de São Conrado, no Rio de Janeiro (Abreu, 1990). Esta igreja foi institucionalmente batizada como Ceflurmme (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Sebastião Mota de Melo).

O Padrinho Sebastião conheceu este estado em 1984, visitando a igreja carioca e então acompanhou os primeiros progressos na expansão da doutrina. Acometido por um grave problema de coração, começou a se tratar nessa cidade e o líder do Céu do Mar, considerado –

⁴ Muitos dirigentes de igrejas do Santo Daime são também chamados de “padrinhos” e “madrinhas”, ainda que o termo seja mais utilizado para designar os antigos líderes.

⁵ *Linha* é um termo nativo - também incorporado pelo vocabulário dos pesquisadores - para identificar as diferentes vertentes doutrinárias do universo ayahuasqueiro brasileiro.

especialmente pelo grupo carioca que o segue – Padrinho Paulo Roberto Silva e Souza (casado com Raimunda Nonata de Melo, a Madrinha Nonata, filha de Sebastião Mota de Melo) com a ajuda dos poucos freqüentadores das igrejas emergentes, proporcionou a realização de um tratamento de ponta ao velho líder no decorrer da década de 1980.

Segundo relatos que colhi, foi em 1987 que o Santo Daime alçou vôos mais audaciosos, com a realização dos primeiros rituais internacionais. O carioca Paulo Roberto levou o Daime para Boston, nos Estados Unidos, e o jornalista Nilton Lucas Caparelli, então freqüentador do Céu do Mar, recebeu o convite juntamente com a companheira Tereza Paes Leme (Tetê) para realizar uma cerimônia do Santo Daime na cidade de Babia, no sul da Espanha, e assim o fez, contando também com a participação de Paulo Roberto. Mais tarde, Caparelli ajudou a organizar a primeira visita do Padrinho Alfredo para a Europa, em 1992.

No ano 2000, Caparelli e Tetê fundaram a igreja Jardim Praia da Beira Mar institucionalmente ligada ao Cefluris e conta atualmente com aproximadamente cinquenta fardados. Já o Céu do Mar tem cerca de duzentos fardados, além de extensões no exterior, como Estados Unidos, Japão, Inglaterra e outros.

Ainda que o Padrinho Alfredo Gregório de Melo seja o atual presidente mundial do Cefluris e principal representante desta vertente do Santo Daime em todo o mundo, Paulo Roberto e Madrinha Nonata tomaram a liberdade de inserir algumas práticas diferenciadas nas cerimônias do Céu do Mar (Ceflusmme). Paulo Roberto também dirige algumas igrejas no exterior sem vínculo institucional com o Cefluris já que o Céu do Mar é sede do Ceflusmme, embora seja possível observar um movimento recente visando promover uma aliança com o Cefluris nos Estados Unidos.

Todos os iniciados dos mais diversos centros daimistas no Brasil e no mundo podem receber seus hinos espiritualmente, mas nos trabalhos oficiais do Santo Daime (celebrados nas

datas consideradas como sendo as de maior importância do calendário religioso, tais como nas festas juninas e de fim de ano) entoa-se apenas os hinários dos líderes da doutrina. Contudo, em algumas ocasiões específicas, os hinos de outros seguidores da religião podem ser cantados, tais como nas datas comemorativas de fundação das igrejas locais ou em comemorações de aniversários, quando um adepto pode pedir permissão para que seu próprio hinário seja entoado.

1.1 Presentes do Astral

Os hinos do Santo Daime não são concebidos pelos seguidores da religião como “composições musicais”, mas “presentes” entregues por entidades sobrenaturais para que com essas canções os fardados possam percorrer o caminho rumo à salvação e a iluminação do espírito. Desde o surgimento da doutrina até os dias de hoje, os hinos são descritos, em falas e nas próprias poesias, como “presentes, flores, prendas, prêmios e tesouros.”⁶

Gustavo Pacheco (1999) chamou o processo do recebimento dos hinos do Santo Daime de *clariaudiência* ou *psico-musico-grafia* propondo uma variação terminológica para os fenômenos espíritas da clarividência e da psicografia. Nilton Caparelli e Paulo Roberto forneceram depoimentos interessantes sobre o processo do recebimento mediúnico dos cânticos daimistas⁷:

“Receber um hino é uma comunicação, um contato que você tem com alguma coisa que vai te trazer uma instrução sem deixar que a sua mente interfira

⁶ Dentro dos rituais e do contexto ritualístico como um todo (*performance*, ingestão do Santo Daime, etc.) esses termos (“presentes”, “flores” e outros) podem trazer sentidos diferenciados para cada um dos participantes, que cantam, lêem ou apenas ouvem as poesias. Sendo assim, é possível que uma pessoa curada de alguma doença considere o revigorar de sua saúde como um “presente”, ou uma mãe enxergue em seu filho um “prêmio” ou uma “flor”, reinterpretando as mensagens dos hinos de forma particular. Não somente os hinos, mas a própria religião e a bebida são também consideradas dádivas divinas.

⁷ O recebimento mediúnico dos hinos foi o tema discutido no quarto capítulo de minha dissertação de mestrado (Rehen, 2007a) e no artigo “Receber não é compor”: música e emoção na religião do Santo Daime” (Rehen, 2007c).

nisso, entendeu? Então, o hino vem dessa forma: é uma coisa que você não controla e aquilo vem de uma maneira que você não conhece. Muitas vezes também já aconteceu o seguinte: eu pensar durante o próprio recebimento ‘estou recebendo um hino’ e esse pensamento ser tão forte de eu me perder nele e aí não consigo mais me fixar no que estava chegando, no hino. Então, é uma coisa que você tem que ter uma certa tranquilidade para poder absorver aquela informação, aquela instrução que está vindo.” [Nilton Caparelli]

“Eu já recebi hino tomando banho, andando de carro, sonhando, dentro de trabalho de Daime, concentrado, nas mais variadas situações e não tem uma coisa específica assim, que diga ‘é só ali’. A pessoa recebe aquilo e não é uma questão de querer ou não. Toca uma música, começa a ficar dentro de mim, aí daqui a pouco eu começo a escutar gente, são os seres cantando aquela música (...) Tenho um critério para saber se é hino ou não, porque se for uma coisa fortuita ou da minha cabeça, qualquer coisa assim, aquilo some e eu não lembro mais. Agora, hino não some, o hino fica direto assim até eu cantar. Quando eu canto, aquilo ali vai e tudo aquilo para, como se fosse uma pressão, sabe?” [Paulo Roberto]

Na linha original fundada por Raimundo Irineu Serra, os hinários encontravam-se “abertos” até o falecimento do receptor e então nenhum novo cântico poderia ser incorporado no conjunto dos hinos (hinário), que por esse motivo poderia ser considerado “fechado” ou completo. No Cefluris, um hino não deve ser anexado após a morte do receptor - tal como na tradição deixada pelo Mestre Irineu - mas o Padrinho Sebastião, no ano de 1978, treze anos antes de seu falecimento, foi talvez o primeiro a fechar um hinário ainda em vida, finalizando sua coletânea de hinos intitulada “O Justiceiro” no hino número 156, “Pergunto aos meus irmãos”. Logo em seguida, Sebastião Mota de Melo continuou recebendo novas canções que compuseram um segundo hinário: “Nova Jerusalém”, totalizando mais vinte e seis hinos recebidos no período que vai do final dos anos setenta até o início da década de noventa. Desta vez, a principal inovação veio do fato de que todos os cânticos foram *ofertados* para pessoas com quem o Padrinho Sebastião mantinha alguma ligação estreita, de parentesco ou afetiva. “O Convite”, hino número um, foi endereçado para a cunhada, a Madrinha Júlia (irmã de sua esposa, Rita Gregório de Melo) e “Brilho do Sol”, que fecha o hinário, foi ofertado ao genro

Paulo Roberto, já citado. Os outros hinos foram doados para seguidores que porventura se encontravam doentes ou amigos e parentes que o acompanharam no desenvolvimento e expansão do Cefluris, como é o caso da oferta feita para a esposa, a Madrinha Rita, mediante o hino “Minha Coroa”.

Embora o hinário a “Nova Jerusalém” fosse de Sebastião Mota, cada um dos receptores das ofertas começou a inserir o (ou os) hino(s) dado(s) pelo Padrinho na abertura de seus hinários pessoais, intitulados na maioria das vezes com o nome do cântico ofertado pelo líder. Os hinários “O Convite” da Madrinha Júlia e “A Mensagem” da concunhada Madrinha Cristina são bons exemplos de hinários que trazem o nome de um hino doado pelo Padrinho Sebastião, além de “Instrução” - hinário do amigo Lúcio Mortimer, responsável pela idealização e preparação dos primeiros hinários encadernados.

Essas madrinhas e diversos outros receptores das ofertas ainda não tinham um hinário próprio antes de ganharem um presente musical do Padrinho Sebastião, processo este na maioria das vezes despertado logo em seguida. Os membros da comunidade sentiram-se então motivados a ofertar seus próprios hinos da mesma forma como o Padrinho vinha fazendo, algumas vezes presenteando o próprio Padrinho. A prática da oferta de hinos generalizou-se de tal forma que desde então a maior parte dos hinos perenemente recebidos espiritualmente por muitos daimistas é então repassada pelos receptores a outros seguidores da religião.

Mediante esta iniciativa o número de hinários cresceu consideravelmente, formando um autêntico “ciclo de dádivas” (Mauss, 1974)⁸, ainda hoje bastante difundido e praticado. Na “linha do Padrinho Sebastião” os hinos são organizados em pequenos livrinhos encadernados - também chamados de “hinários” - e lidos (ou estudados) por todos os participantes dos rituais,

⁸ O “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” de Marcel Mauss (1974) é considerado bibliografia básica para todos os pesquisadores que querem pensar o tema da troca em ciências sociais. Sua maior contribuição foi demonstrar a multiplicidade de aspectos - políticos, sociais, econômicos, religiosos, etc - intimamente ligados aos sistemas de dádivas (trocas vividas sob o signo da espontaneidade).

facilitando o canto coletivo. Com a instauração da “oferta”, os caderninhos subdividiram-se em duas sessões:

- hinos ofertados: dizem respeito às músicas que um daimista recebeu como presentes por iniciativa de outros membros do grupo;

- hinário propriamente dito: formado por hinos recebidos pelo próprio adepto no processo mediúnico, sendo eventualmente ofertados para outros daimistas em ocasião posterior ao recebimento espiritual. Basicamente, o hino é ofertado para um único seguidor, podendo haver casos de uma mesma canção oferecida para duas pessoas ou até para membros de uma família, como irmãos ou pais e filhos. De toda forma, um hino doado passa a compor a sessão dos hinos ofertados daquele que o recebe como presente sem sair do hinário do doador e será entoado sempre que as coletâneas de hinos, do doador e/ou do receptor da oferta, forem cantadas nos rituais.

Além das poesias, o nome (e sobrenome) da pessoa que recebe uma oferta é comumente escrito entre parênteses abaixo do título do hino correspondente nos cadernos de hinários; já os “hinos ofertados” trazem abaixo de cada poesia o nome de quem as deu. O curioso é que essas ofertas são sempre publicadas nos cadernos e assim o vínculo entre doadores e receptores de hinos torna-se de conhecimento público. Nada precisa ser dito de outra forma sobre isso, já que todos os frequentadores das cerimônias costumam possuir os hinários encadernados impressos, estudando-os e lendo-os mesmo durante os cultos: sabe-se sempre quem deu e quem recebeu determinada canção religiosa.⁹

⁹ Alguns daimistas nunca receberam hinos mediúnicamente e ainda assim muitos destes são receptores de oferta, como é o caso do falecido Padrinho Manuel Corrente da Silva – carinhosamente chamado de “Vô Corrente” – que acompanhou o Padrinho Sebastião desde os tempos do Mestre Irineu e tem seu hinário “Caboclo Guerreiro”, coletânea formada por quarenta e três ofertas, cantado oficialmente na data comemorativa do arcanjo São Miguel,

O surgimento de um hino envolve basicamente dois momentos, tendo sempre o “Astral” (reino espiritual) como fonte primária: a entrega do cântico que parte de um *ser divino* alcançando um daimista (tido neste caso como *aparelho receptor*) e a oferta que vai de um daimista para o outro. No geral, o ciclo da oferta envolve um ser espiritual e dois seguidores da religião, um deles que recebe o hino para entregá-lo e outro que ganha o presente recebido mediunicamente pelo primeiro. Embora a canção seja cantada por todos os freqüentadores das cerimônias em uníssono, ela não é oferecida para uma terceira pessoa, estando restrita a um único ato de oferta após o recebimento sobrenatural.¹⁰

2. Oferta e afeto sem datas prescritas

As músicas delimitam os diferentes momentos dentro do ritual do Santo Daime, mas a idéia daimista que vivencia o hino como um presente - tanto por ser dado por um “ser divino” ao daimista, quanto por ser ofertado para outro membro do grupo após o recebimento mediúnico - faz com que a rigidez do calendário e da estrutura temporal nas cerimônias ceda lugar à imprevisibilidade do recebimento e da posterior oferta de hinos. Não se sabe onde, quando ou por quem um novo hino será recebido e nem para quem ele será oferecido, além disso nem sempre um hino recebido será necessariamente ofertado, o que aumenta ainda mais a questão da falta de um controle coletivo.

dia vinte e nove de setembro. Neste caso, a trajetória espiritual do velho Corrente é rememorada por hinos a ele endereçados - uma espécie de biografia escrita por seus interlocutores.

¹⁰ Talvez o Padrinho Sebastião, pioneiro na oferta de hinos, tenha sido o único a ofertar seus “hinos ofertados”. Ele possuía duas coletâneas de cantos com hinos por ele recebidos, “O Justiceiro” e “Nova Jerusalém”, além de outro hinário composto por aproximadamente vinte e dois hinos a ele ofertados por seus seguidores. O Padrinho Sebastião presenteou Roberval (filho da Madrinha Cristina) com esse “hinário dos ofertados” já completo. Roberval, conhecido pelos parentes e amigos como “Bal”, é um dos principais violeiros do Mapiá e acompanha o Padrinho Alfredo nas inúmeras viagens pelo Brasil e o mundo. Bal tem um hinário pessoal com pouco mais de vinte hinos e no dia de seu aniversário (assim como em algumas outras poucas datas) cantam-se, no Mapiá e eventualmente em outros centros daimistas, dois hinários: o do próprio Roberval e os “hinos ofertados” do Padrinho Sebastião que agora “pertencem” a este sobrinho, ambos com volume similar de cânticos.

Pouquíssimos hinos são recebidos mediunicamente no salão das igrejas e a maior parte dos relatos descreve recebimentos em sonhos ou no cotidiano doméstico, como também na rua ou até em trajetos feitos de ônibus e carros – característica peculiar dos adeptos das grandes cidades – e, embora as músicas desempenhem papel central nos rituais, um iniciado não precisa ter “tomado Daime” no dia em que as recebe. O mesmo ocorre com a oferta, já que o daimista raramente endereça uma canção (recebida espiritualmente) a outro integrante do grupo durante um ritual, podendo oferecer um hino de forma discreta, no intervalo, antes ou depois de uma cerimônia, em visitas feitas à casa do destinatário ou então em encontros ocasionais ou mesmo por meio do telefone. É comum, ainda que não seja uma regra, que o doador cante o hino uma ou duas vezes no momento do oferecimento e dê a letra escrita, podendo incluir uma fita K7 ou Cd gravado para que o receptor memorize o conteúdo musical e poético e venha a colocar o novo cântico no conjunto de seu hinário pessoal.

A falta de certeza sobre o momento e o destino da oferta de cânticos se liga ao plano da espontaneidade, pois segundo meus entrevistados o hino “é algo que brota”, que emerge e que revela uma “camada” do *self* outrora escondida, a saber: o “verdadeiro eu”, a “essência divina” (Rehen, 2007b e 2007c). Tetê Paes Leme apresenta a questão da seguinte forma: “A oferta é uma identificação espiritual, a gente dá, mas não é criado. Ela vem do coração, vem de Deus”.

Algumas letras falam justamente da relação entre afeto e oferta de hinos, como aparece na última estrofe do hino 135, “Linda Flor”, do Padrinho Alfredo:

*É com todo afeto
E com muito amor
Aqui eu dedico
Esta linda flor*

Vejamos as considerações bastante similares do amazonense Padrinho Alfredo e do carioca Paulo Roberto:

“Acontece das pessoas assim achar que quer um hino meu e até pedem, a gente fica até mais difícil de receber. A pessoa pede: ‘Ah, me dá um hino? Recebe para mim’, não é assim ‘recebe para mim’ [Por que?] Ah, não é. É uma coisa que o hino é uma mensagem que vem espontânea. Se a gente quiser fazer uma mensagem dessas assim para você ou para quem quer que seja, dedicado ali na hora, não é muito espiritual. [Acontece esse tipo de pedido?] Já, muitos. Difícilmente eu posso dizer ‘sim’, eu digo: ‘Olha, se vier, se chegar e for para você, eu dou’”. [Padrinho Alfredo]

“[Alguém já pediu um hino seu?] Já [E aí?] Em alguns casos eu até dei porque a pessoa pediu e eu vi que tinha a ver, o pedido dela era consistente, não era uma coisa da cabeça. Mas tem gente que me encomenda, gente até antiga da igreja que espera, mas não posso fazer nada. A pessoa fala ‘o próximo, por favor me dá, não sei o que’ e eu falo: ‘oh, se tiver a ver contigo eu te dou com o maior prazer’”. [Padrinho Paulo Roberto]

Estas falas ilustram com clareza o ponto que aqui sugiro. A partir do momento em que existe um pedido de oferta, surgem expectativas por parte do outro e isso faria do hino algo gerado “de fora para dentro”, invertendo o movimento no qual a sua geração é tradicionalmente entendida.

Embora vivido como espontâneo, existe uma “gramática” (Miller, 1993) própria deste tipo de presentear e isso evidencia que os daimistas desenvolveram um discurso “emotivo” da oferta. A “teoria nativa” do Santo Daime trabalha de forma bastante similar à idéia do *hau*, o “espírito da coisa dada”, que o antropólogo Marcel Mauss (1974) no clássico “Ensaio sobre a dádiva” apontou como sendo o motor da retribuição entre os *maori*¹¹. Para um daimista, o hino é dado inicialmente por um “ser” do “astral” e posteriormente ofertado por quem o recebe para outro

¹¹ No “Ensaio sobre a dádiva” Marcel Mauss destacou a pergunta que apontaria o rumo de sua análise: “Qual a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força há na coisa dada que faz com que o destinatário a retribua?” (Mauss, 1974: 42). Logo no primeiro capítulo, o autor menciona a obrigação de retribuir e faz referência ao depoimento de um informante maori. Assim, ele entende o *hau* (o “espírito da coisa dada”) como uma resposta para a circulação de dons: o que cria uma obrigação no ato de presentear é o fato de que a coisa não é inerte e mesmo após a doação, ela ainda pertence ao doador.

integrante do grupo, e eles vivem esse trânsito afirmando que o próprio cântico possui uma alma, trilhando uma direção própria. Muitos chegam a dizer que “o hino é ele mesmo um ser”. Os homens não podem influenciá-lo já que isso contrariaria um dos preceitos básicos desta religião: a crença no poder mágico dos cânticos, fonte de saúde e elevação espiritual. No caso do Santo Daime é uma oferta que tem início no plano “sagrado” e se estende aos homens, fortalecendo alianças e vínculos sociais, conforme o próprio Padrinho Alfredo definiu em outro momento da mesma entrevista:

“A oferta é uma questão de dedicação mesmo, natural. São dedicações que chegam naturalmente. Às vezes a pessoa está trabalhando junto, de ombro a ombro ou tem uma cura a fazer relaciona àquela mensagem (...) então, isso é uma coisa mais de um laço familiar do próprio hinário. Eu acredito que o hino traz uma direção para aquela pessoa que recebe o presente.”

Percebemos a existência de um perfil dos que recebem esse tipo de presente, não sendo escolhas aleatórias por parte do doador ou o atendimento às solicitações alheias, mas correspondem a laços familiares e vínculos sociais muitas vezes estreitos entre o receptor do hino e o da oferta: os envolvidos são normalmente parentes e amigos. Esses laços são mantidos e renovados por intermédio dos cânticos e como já descrito, são publicados em cadernos e lidos por todos os frequentadores dos cultos. Talvez por esse motivo padrinhos ilustres recebam pedidos de ofertas, já que muitos demonstram interesse em ingressar nessa rede de vínculos dos líderes, formada e alimentada, entre outras coisas, através das ofertas das músicas. Por outro lado, é o próprio *ethos* da doutrina que legitima uma negativa dos padrinhos, quando estes dizem “se vier e for para você, aí eu dou”, isentando-se de uma possível obrigação já que os doadores vivenciam essa experiência como sendo do terreno da espontaneidade e da espiritualidade.

Segundo o pesquisador Wiliam Ian Miller (1993), de acordo com a visão de mundo ocidental “nós nos tornamos aptos a construir para nós mesmos uma ideologia de presentear gratuitamente, o presente que não espera por retorno, o presente profundamente desinteressado” (1993: 50, tradução minha). Para se evitar embaraços e mal entendidos o autor sustenta que a troca exige uma habilidade especial no manuseio de sua gramática, com doadores buscando corresponder a uma idéia positiva da personalidade do receptor por meio do objeto oferecido.

A antropóloga Maria Claudia Coelho (2006) ao estudar a troca de presentes entre camadas médias do Rio de Janeiro aponta para um grupo de entrevistadas que se recusa a presentear em datas como Natal, dia das mães, dos pais, aniversários, etc. justamente por entenderem essas ocasiões como coercitivas. Para estas mulheres, dar presentes é “uma coisa do coração” como “dar carinho” e “amor” e o fato de privilegiarem outros momentos para que os presentes sejam dados, fora das datas socialmente estabelecidas, favorece a vivência deste ato como algo espontâneo, resgatando a sua capacidade de transmitir afeto no universo das trocas materiais contemporâneas. Para a autora, “este movimento seria uma condição *sine qua non* para que a dádiva cumprisse sua função de expressão espontânea de afeto” (2006: 59). Jacques Godbout (1999:29) também fala da dádiva como “essa estranha obrigação de ser espontâneo”.¹²

Dar presentes unicamente porque existe uma expectativa social diluiria a sua dimensão afetiva, justamente porque a sociedade é vista no senso comum enquanto algo externo ao indivíduo e o sentimento como proveniente da esfera íntima. São domínios opostos que de acordo com o *ethos* e a visão de mundo ocidental posicionam-se muitas vezes em extremos apartados, e o contraste entre eles chega a inviabilizar o entendimento do afeto como sendo próprio da esfera social.

¹² Para Pierre Boudieu (1996) uma das diferenças mais marcantes entre a troca de presentes, o comércio e o contrato, diz respeito à incerteza de uma nova oferta e ao tempo transcorrido entre um presente e a sua retribuição, permitindo que os fatores da espontaneidade e da falta de interesse sejam a marca dessa experiência na vivência concreta e no entendimento dos indivíduos.

Assim como o grupo de mulheres de camadas médias do Rio de Janeiro que se nega a presentear em datas pré-estabelecidas a fim de resgatar a dimensão emotiva da dádiva, a ausência de datas do presentear que envolve a troca de hinos entre os membros do Santo Daime – em meio a uma infinidade de práticas ritualizadas e marcadas com precisão no calendário religioso e dentro do salão religioso ¹³ – parecem indicar a mesma lógica, ou seja, receber hinos de seres sobrenaturais e ofertá-los entre os adeptos é uma forma de manifestar afeto, tanto para os que estão doentes como para com amigos, parentes ou líderes. É uma troca vivida como espontânea: um tipo de dádiva propriamente dita.

A diferença mais marcante entre o oferecimento de presentes materiais e a oferta de hinos consiste no fato de que, para os daimistas, em ambos os momentos da circulação de músicas – no recebimento mediúnico e na oferta – o indivíduo também não possui autonomia sobre o ato de presentear com hinos (é tido como algo “não pensado”), amplificando ainda mais o argumento da espontaneidade, que não pode ser prevista e controlada (“racionalmente”) pela sociedade e nem por seus membros isoladamente. De acordo com o discurso fortalecido pelo grupo, as composições musicais daimistas são obras de Deus e de entes espirituais que decidiriam por quem, para quem e até mesmo como e quando os hinos devem ser encaminhados como presentes.

Ainda que não exista ritual do Santo Daime sem música – inclusive praticamente nada deve ser falado durante as cerimônias, onde são cantados hinos durante horas a fio com a orientação das tarefas obedecendo aos conteúdos poéticos, rítmicos ou a numeração dos cânticos entoados (Rehen, 2007a) – a agenda dos trabalhos não prescreve uma única cerimônia para o recebimento e oferta de hinos, facilitando a vivência desses atos como essencialmente espontâneos. Possivelmente a não existência de datas ou parceiros pré-fixados para esse tipo de

¹³ A relação entre tempo e música e a orientação de tarefas através dos cânticos nos rituais do Santo Daime foram analisadas com maior profundidade em minha dissertação de mestrado (Rehen, 2007a).

troca é o que define a sensação da falta de obrigatoriedade. Nem sempre se recebe um hino para uma pessoa específica que supostamente “precisaria” de um (como em casos de pessoas doentes por exemplo), para aqueles que pedem um presente deste tipo ou para quem o daimista gostaria muito de ofertar e ainda que isto venha a ocorrer será sempre vivido como algo que não faz parte de um planejamento do grupo e dos indivíduos que o formam. Para os daimistas, somente os “seres” possuem poder de agência neste fenômeno e os adeptos afirmam apenas praticar as deliberações que chegam do plano “Astral”: seja para receber um hino ou ofertá-lo, justificando também o possível não atendimento a um pedido por esse tipo de presente.

Nem todos os principais líderes possuem grande número de hinos e o prestígio de um daimista não pode ser medido em termos quantitativos de canções recebidas e/ou ofertadas, mas ainda assim a oferta promove a ligação afetiva entre os parceiros da troca e esta manifestação de afeto, quando parte de um líder, pode ter até mesmo uma profunda relação com a consolidação de uma posição de maior prestígio. Sendo assim, o poder mágico dos hinos aproxima-se dos objetos trocados nos sistemas-dádiva tradicionais, dramatizando relações hierárquicas entre doador/receptor (Mauss, 1974).

Essa noção de espontaneidade fala do lugar de destaque ocupado pelas emoções (e pelas músicas) nesta visão de mundo, onde o afeto e o sagrado estão interligados, opondo-se a uma idéia de coerção social ou o resultado da intenção consciente de um indivíduo.

2.1 Os hinos que curam

Para o daimista a oferta de um cântico não pode ser planejada nem esperada, mas como disse o Padrinho Alfredo trata-se de “um vínculo familiar do próprio hinário”. Ainda que não possamos precisar os momentos de recepção e oferta de um hino e nem mesmo os parceiros

específicos deste ciclo, é possível percebermos certas regras socialmente compartilhadas no universo da troca de músicas.

O hino costuma ser ofertado pelo daimista para um parente ou amigo, normalmente também iniciado na religião, principalmente quando este passa por alguma situação-limite de extrema felicidade ou sofrimento. Sendo assim, vemos muitos hinos ofertados em casos de doença ou cura, o que, segundo Padrinho Alfredo, caracterizou o início das ofertas por parte do Padrinho Sebastião. Dentro de uma tipologia das modalidades de ofertas mais recorrentes, vemos nas situações de doença casos muito comuns.

“Meus primeiros hinos quase todos eu recebi doente e tenho muitos assim, mirando na cura e aí recebia. Para um hino ser bom, a pessoa geralmente recebe passando por qualquer apuro de equilíbrio e de afirmação, de auto-afirmação. Já a oferta, os hinos ofertados, isso aconteceu por volta do ano setenta e cinco para cá mediante trabalhos de cura feitos para determinadas pessoas ou também no caso de uma dedicação pelo fato da pessoa estar, como se diz assim, integrado no mesmo ensinamento do hino. É também uma coisa que vem e na hora aquela pessoa é merecedora daquela mensagem e precisa muito dela. Às vezes é uma mensagem para ajudar aquela pessoa a se desenrolar na vida espiritual, uma questão de dedicação mesmo, é natural. São dedicações que chegam naturalmente e aí muitas vezes a pessoa tem uma cura a fazer relacionada àquela mensagem.” [Padrinho Alfredo]

Eu entrei em entendimento entre o meu eu e matéria
Sou luz, expulso doença e destrincho a causa dela
(Hino 67, “Eu entrei em entendimento”, Padrinho Alfredo ofertado para Madrinha Cristina).

Madrinha Cristina, antes de seu falecimento no ano de 2005 com a idade de sessenta e sete anos, adoeceu com enfisema pulmonar agudo e então recebeu diversas ofertas de hinos. Madrinha Nonata ofertou “Vida Nova”:

Estou aqui, estou aqui porque Deus me determina
Estou com a Virgem Mãe, meu Padrinho e minha Madrinha
Meu Padrinho e minha Madrinha eu quero Vos agradecer
Por essas lindas palavras que me faz renascer
A alegria e a esperança dentro do meu coração
De receber a cura através da respiração
Confia, confia, confia na minha palavra
Que há muito tempo eu deixei contigo através da linda mensagem
Mesmo com todo sofrimento não queira esmorecer
Te firma na vida nova que a mensagem veio dizer
(Hino número 08, “Vida Nova”, Madrinha Nonata)

O hino ofertado por Nonata faz várias referências à pessoa de Cristina. Em primeiro lugar, porque a receptora do hino foi batizada por Padrinho Nel e Madrinha Cristina, que neste caso podem ser interpretados como os padrinhos mencionados da poesia: “estou com a Virgem Mãe, meu padrinho e minha madrinha / meu padrinho e minha madrinha eu quero vos agradecer”. A doença pulmonar também é mencionada no verso que fala da alegria e esperança na “cura através da respiração”.

Esta madrinha, Cristina, é personagem muito valorizada na doutrina e foi presenteada, em meados dos anos oitenta, com a décima nona oferta do Padrinho Sebastião, o hino “A Mensagem”, intitulando assim seu caderno de hinos. Na parte final do cântico doado por Nonata parece que o próprio Padrinho Sebastião faz-se presente a fim de relembrar veementemente o hino que havia dado à Madrinha Cristina. “Vida nova”, que é inclusive o título do hino da Madrinha Nonata, e “mensagem” são expressões daquele cântico que aqui reaparecem: “Confia na minha palavra que há muito tempo eu deixei contigo através da linda *mensagem* / Mesmo com todo sofrimento não queira esmorecer, te firma na *vida nova* que a *mensagem* veio dizer”. Os vínculos sociais são retro-alimentados por meio das ofertas, e acredita-se partir muitas vezes daqueles indivíduos já falecidos aos que se encontram na liminaridade das doenças terminais, passando pelos vivos e saudáveis, parceiros nas ofertas de hinos.

2.2 Cantando um hino que é a sua cara¹⁴

De modo geral, todos os teóricos da dádiva sustentam a idéia de que ao darmos um presente estamos almejando criar, manter ou estreitar laços sociais, falando do outro e de nós mesmos através do objeto doado – código supremo deste idioma.

Durante as cerimônias de hinário, todo o participante, mesmo o que desconhece os devidos receptores do hino e da oferta, pode interpretar os cânticos como sendo mensagens que trazem algum ensinamento aplicável na sua vida pessoal. Isto é possível devido principalmente ao recurso poético do “eu” narrador - mais de noventa por cento dos hinos são apresentados na primeira pessoa do singular¹⁵ - e na crença em propriedades musicais mágicas reveladas subjetivamente. Todavia, muitos hinos ofertados falam de características identificadas como sendo peculiares ao seu doador e ao receptor (do hino e/ou da oferta). Esses traços simbólicos presentes no hino, especialmente na letra, tendem a ser o grande elo de ligação entre os parceiros da troca, donos de um mesmo hino, cujos vínculos são publicados em cadernos (seja como doador ou receptor da oferta).

“É incrível mesmo essa história dos hinos, é espiritual. Às vezes alguém oferta um hino e você escuta, aí chega a entender que aquele hino é daquela pessoa mesmo. Você ouve o hino e diz: ‘É a cara daquela pessoa!’. Você sabe que aquele hino é daquele e é muito impressionante. Isso quando você também conhece a pessoa para quem o hino foi ofertado”. [Tetê Paes Leme]

Em alguns casos, determinado trecho do cântico ofertado evoca uma imagem nítida daquele que o ganha, seja um traço de sua personalidade, situação que esteja vivendo, algum

¹⁴ O título dado a este tópico é claramente inspirado no segundo capítulo do livro de Maria Claudia Coelho (2006): “*Um presente que é a sua cara*”: dádiva e apresentação de si”. A autora analisa episódios de “gafes” e trocas materiais entre marido e mulher, investigando as formas de construção das imagens de si por intermédio dos presentes.

¹⁵ Para uma análise deste recurso utilizado nos hinos, ver Labate (2004).

arquétipo do panteão daimista por quem o receptor da oferta tenha grande estima ou até mesmo o seu nome próprio.

“Quando você oferta um hino é porque sentiu nele alguma coisa relacionada com determinada pessoa e então você só dá quando aquela mensagem esta ligada diretamente à pessoa”. [Nilton Caparelli]

“Normalmente eu oferto porque a pessoa chega na hora que eu estou recebendo. Eu não sei explicar isso, pode ser a imagem da pessoa mas é mais a essência da pessoa, como se fosse uma presença que eu sinto chegando e depois a gente vê que realmente o hino tem a ver com aquela pessoa”. [Paulo Roberto]

Observamos muitas situações de ofertas dentro de uma mesma família em hinos que possivelmente visam manter e relembrar os laços sociais já consolidados. Madrinha Rita, a grande matriarca do Cefluris, recebeu e deu hinos de grande expressão entre vários de seus filhos como Alfredo, Valdete, Nonata e José.

Um dos três hinos ofertados à Rita Gregório de Melo pelo Padrinho Alfredo, “Lembranças do amor”, abre o caderno dos “hinos ofertados” desta madrinha e traz uma dedicação em sentido metafórico, ao falar da lua como símbolo materno. A poesia também pede saúde aos seus “responsáveis (...) Papai e Mamãe”:

Oh! Lua, Vós sois tão formosa
Receba do meu coração
Estas lembranças de amor, que digo nesta canção
Oh! Mãe, Vós sois dominante
E tudo vem dominar
Estás expandindo amor
A todos que Lhe procurar
(...)
Eu rogo a quem me ensina
Tranqüilidade e amor
Saúde aos meus responsáveis, eu peço ao meu Redentor
Meu Papai e minha Mamãe aqui eu digo de mim
Eu faço por mim e por vós
Vós fazei por vós e por mim

Já o hino da Madrinha Nonata parece mesmo uma declaração de amor mais literal àquela que a gerou, ainda que como de praxe permita múltiplas interpretações:

Minha mãe, minha mãezinha dona do meu coração
Eu quero agradecer, pela sua dedicação
Como mãe, como Madrinha, aqui dentro da doutrina
Eu quero sempre louvar, toda hora e todo dia
Quero sempre festejar estes grandes festejos:
Santo Antônio e São João, a senhora e São Pedro
Para sempre, para sempre com a senhora no salão
Cantando este lindo hinário do papai Sebastião
Viva a aniversariante do festejo deste dia
Junto com os meus irmãos e toda nossa família
(Hino 4, “Minha Mãe, minha Mãezinha”)

O hino acima fala da Madrinha Rita em sua posição de “mãe e madrinha” na doutrina, menciona a data do aniversário que ajuda a compor o calendário no “festival das festas juninas”, instituído com quatro rituais (Santo Antônio, São João, aniversário da Madrinha Rita e dia de São Pedro) quando são cantados os hinários do Mestre Irineu, Padrinho Sebastião e Padrinho Alfredo. A estrofe que diz “para sempre com a senhora no salão, cantando este lindo hinário do papai Sebastião” faz uma referência explícita à data do aniversário de Rita, na qual cantam-se sempre “O Justiceiro” e “Nova Jerusalém”, hinários de Sebastião Mota.

2.3 Reinventando as datas do presentear

Embora não existam datas pré-estabelecidas para a entrega dos hinos, algumas pessoas costumam recebê-los e/ou oferecê-los em dias próximos a aniversários, Natal, dia dos pais e das mães ou quando no nascimento de uma criança. Como não se espera por ofertas de hinos em nenhuma data, menos ainda nestas festas tradicionalmente atreladas à troca de objetos, o hino pode justamente reafirmar-se como um presente espontâneo mesmo nessas circunstâncias,

reinventando uma agenda para dar e receber hinos. Ainda assim a oferta vem adequar-se nessas datas para falar de relações familiares específicas, de uma maneira inusitada.

“Dia das mães”, sétimo hino do hinário a “Nova Era”, também do Padrinho Alfredo, foi mais um cântico por ele ofertado à Madrinha Rita pedindo que a “Santa Mãe das mães” proteja sua família conjuntamente a sua “mãe que lhe trouxe em matéria”:

Firmei-me na Lua Cheia no grande dia das mães
Pedindo conforto a meu Pai e pedindo benção a Mamãe
A benção para viver e colher esta grande família
Para um dia apresentar no Reino da Soberania
Oh! Santa Mãe das mães, em todo universo impera
Protegei a nossa família com minha mãe que me trouxe em matéria (...)

Esses hinos estimulam um sentimento de fraternidade entre os adeptos e de “filiação” para com a família de Sebastião Mota e demais “padrinhos” e “madrinhas”, tal como aparece no depoimento de uma antiga seguidora do Cefluris.¹⁶

“Tudo mudou muito no Mapiá depois que o Padrinho Sebastião morreu. Porque ele, o Padrinho Sebastião, era o pai e patriarca de todos. Era o pai de todas as crianças e dos adultos, uma coisa muito forte que vinha dele. Toda hora diziam: ‘Ah, vou falar com o Padrinho Sebastião’ ou ‘Ele não gosta disso ou daquilo’. As crianças respeitavam e obedeciam. De repente quando ele foi embora a comunidade ficou órfã, porque o filho não é pai e não faz o papel do pai. Faz o papel do filho que é maravilhoso, faz outra coisa, então o povo dele teve que aprender a se reeducar sem o pai forte”. [Biná]

Vagner Gonçalves da Silva (2000) analisou um fenômeno semelhante entre os adeptos de cultos afro-brasileiros, cujos líderes são pais e mães-de-santo. Padrinho Sebastião aparece nos hinos como o “papai” e Madrinha Rita a “mamãe”, não só daqueles filhos biológicos que

¹⁶ Além de Mota de Melo e Gregório, famílias do Padrinho Sebastião e de sua esposa, outras famílias tradicionais, que acompanharam Sebastião Mota de Melo desde os tempos da Colônia Cinco Mil também possuem grande prestígio na comunidade do Mapiá, como é o caso dos Corrente e Raulino.

recebem cânticos com essas afirmações, mas de toda a comunidade que canta esses mesmos hinos e também pode vir a receber canções com discursos da mesma natureza.

Padrinho Alfredo também me contou sobre a época do nascimento de um de seus filhos, Cidalvino, quando não sabia que nome dar à criança. Perto do último mês de gestação recebeu o cântico de número 118, “A Estrela”, que deveria ser ofertado ao neném, ainda na barriga. O hino trouxe uma frase indicando o nome do então mais novo descendente da família de Sebastião Mota de Melo:

Com verdade te chamei, com amor eu percebi
Do Sol é que me veio, da Lua eu recebi
Eu pedi à Santa estrela e chegastes para mim:
Cidalvino aqui chegou, mais uma flor no meu jardim¹⁷

2.4 Novos hinos na “Oração do Padrinho Sebastião”

Todos os dias quinze e trinta de cada mês, ao longo de todo o ano, são cantados doze hinos do Padrinho Sebastião selecionados para o ritual de concentração, a “oração”, sendo também incentivado que os fardados cantem esses mesmos hinos diariamente em suas casas às seis horas da tarde, na maioria das vezes sem a utilização do Santo Daime. A Madrinha Júlia, irmã da Madrinha Rita, é uma das líderes reconhecida por praticá-los desta forma há décadas, sendo chamada de “zeladora” ou “guardiã da Oração do Padrinho Sebastião”. A partir dos anos noventa anexou-se um novo hino à Oração do Padrinho Sebastião, que apesar do nome contou desde então com um cântico do atual líder, o Padrinho Alfredo, “Eu pedi e tive o toque”. No ano de 2006 a Madrinha Nonata, também filha de Sebastião Mota, recebeu o hino “Magia da oração” que traz referências a todos os “hinos da Oração”, numa espécie de resumo. A própria canção se declara como sendo obra de São João, duplo imaginário do Padrinho Sebastião, e foi

¹⁷ Grifo meu.

então ofertada para a Madrinha Júlia. Esta instituiu que o hino deveria ser mais um a compor a “Oração do Padrinho”.

Este caso apresenta uma série de vínculos familiares e de prestígio na doutrina. Quem é o “ser” que entrega o hino? Para quem ele faz a doação? E posteriormente, quem recebe a oferta?

Os lugares nos quais estas pessoas falam, através da música, são os grandes suportes para que o conjunto dos hinos clássicos do Padrinho Sebastião pudesse ser reinventado mesmo após seu falecimento, com a inserção de uma nova peça na tão tradicional oração. São João é quem entrega o presente - “foi quem cantou esta canção, para mim e para ti” - o mesmo ser que é o dono da oração à qual a poesia se refere, *aparelhado* por Nonata. O hino é então endereçado à Júlia, não por acaso a guardiã da oração. Madrinha Júlia, motivada pela poesia do hino e possivelmente por ele ter sido a ela doado pela sobrinha Nonata, coloca-o na oração, sem encontrar resistência dos outros membros da diretoria do Cefluris ou da parte dos músicos e puxadoras mais tradicionais. Os daimistas entendem esse fato como uma ordem do Astral, uma coisa que foge à vontade dos envolvidos na troca de hinos; mas, cheguei a ouvir uma fardada comentando no intervalo de um trabalho: “Agora que a oração do Padrinho Sebastião tem um hino do Padrinho Alfredo e outro da Madrinha Nonata, vai esperando que um dia chega o do Padrinho Valdete”, filhos de grande prestígio. Por um lado, este comentário parece afirmar que as ofertas são ordens divinas, mas em contrapartida parece soar como uma crítica, como se a inclusão desses hinos fosse uma forma de construção de prestígio/hierarquia por parte desses “filhos” que inserem seus hinos em um momento ritual importante.

Esses são aspectos da troca de hinos que me fazem entendê-la como uma gramática. Através desses presentes, quem fala o quê para quem? De que lugar determinados “seres” espirituais e pessoas materiais estão falando? Vejamos mais algumas possibilidades nesse diálogo.

2.5 Da floresta até o mar, atravessando os oceanos

Os comandantes das duas igrejas do Rio de Janeiro aqui estudadas, Céu do Mar e Jardim Praia da Beira-Mar, receberam e ofereceram alguns hinos dos padrinhos fundadores do Cefluris.

Duas das ofertas são emblemáticas na consolidação desses personagens enquanto figuras de liderança, legitimando e incentivando a consolidação da doutrina em solo carioca. O hino “Eu sou brilho do Sol” foi endereçado a Paulo Roberto pelo Padrinho Sebastião e “Anjo de Deus” foi ofertado pelo Padrinho Alfredo para Nilton Caparelli. Esses presentes ajudam a contar a história desta doutrina na cidade do Rio de Janeiro e ambos os receptores das ofertas, além de líderes de igrejas, estão, segundo eles próprios, ligados diretamente à expansão mundial do Santo Daime. Alguns dos primeiros rituais realizados fora do Brasil, na segunda metade da década de oitenta, teriam sido organizados por Paulo Roberto e outros por Nilton Caparelli, e ainda hoje atuam representando esta linha de trabalhos espirituais em sucessivas viagens por diversos continentes.¹⁸

Cada um de sua forma interpreta os presentes recebidos pelos antigos líderes como uma previsão do que estava por vir, resultado do estreitamento de vínculos afetivos e um tipo de autorização para seguirem na proliferação global da religião. O recebimento de uma oferta quando parte de um líder promove a ligação afetiva entre os parceiros da troca e esta manifestação de afeto pode vir a ter profunda relação com a consolidação de uma posição hierárquica de maior destaque. Começemos pelo primeiro dos dois casos.

2.5.1 Eu sou brilho do Sol

¹⁸ Sobre expansão da doutrina, ver Groisman (2000).

O hino “Eu sou brilho do Sol” fecha o segundo (e último) hinário do Padrinho Sebastião com a oferta sendo feita ao genro Paulo Roberto, idealizador da primeira igreja fora do solo amazônico. Vemos no relato do receptor do presente uma clara associação entre este hino derradeiro na vida de Sebastião Mota de Melo e a transmissão de um legado espiritual.

De acordo com o livro de Lucio Mortimer (2001) Padrinho Sebastião faleceu quando era cantada a estrofe final de seu último hino, como se ali findasse seu livro biográfico. Se o hinário é a história de vida do receptor, o último hino teria um papel especial. O fechamento do hinário a “Nova Jerusalém” do Padrinho Sebastião deu início a uma nova fase no desenvolvimento da religião e a relação familiar entre receptor e doador do hino “Eu sou brilho do Sol”, já consolidada desde o casamento do psicólogo carioca e a filha do fundador do Cefluris, foi reafirmada na oferta sucedida em pleno processo de intensificação da doença cardíaca de Sebastião Mota, trazido ao Rio de Janeiro para se tratar.

Apesar de algumas peculiaridades adotadas no Céu do Mar (Ceflusmme) em relação ao procedimento ritual e institucional do Cefluris, liderado atualmente pelo Padrinho Alfredo do Céu do Mapiá, é muito comum que os padrinhos das duas igrejas se encontrem, participando de trabalhos espirituais nas sedes um do outro, quando Alfredo visita o Rio de Janeiro ou quando Paulo Roberto e Nonata vão ao Mapiá. Alfredo e Paulo tratam-se como “cumpadres” e possuem também alguns hinos ofertados entre si. Todavia, a autonomia e independência do centro de Paulo Roberto parecem ser explicadas pelo próprio, entre outras coisas, ao interpretar a oferta do hino “Eu sou Brilho do Sol” endereçada pelo grande líder Sebastião Mota de Melo.

“O Padrinho Sebastião recebeu ‘Brilho do Sol’ aqui em casa, na varanda do meu quarto que tem uma vista bem peculiar aqui do Céu do Mar: tem o mar, tem o céu, a mata e a montanha da Pedra da Gávea. Esse hino é cara desse lugar aqui. Lembro do Padrinho mostrando para mim, chegou e falou ‘vem cá

que eu quero te mostrar uma coisa’, cantou para mim e me ofereceu o hino. [Sente alguma coisa especial em relação a este hino?] Sinto, sinto. Quer dizer, eu acompanhei muito ele nesse final, ele estava doente lá no Mapiá e eu trouxe ele aqui para o Rio duas ou três vezes por causa dessa situação (...) Então parece que foi um legado que ele deixou para mim, o hino estava deixando alguma coisa para eu tocar para frente e isso apareceu de várias outras maneiras depois [O que era isso?] Eu senti no hino como se ele estivesse passando a própria missão da doutrina, a missão do Daime.” [Padrinho Paulo Roberto]

A marcha “Eu sou brilho do Sol”, última canção que o Padrinho Sebastião recebeu em vida, é por esse motivo entoada e repetida antes do término de todos os rituais do Santo Daime e se tornou um dos hinos mais cantados e popularizados pelos seguidores do Padrinho Sebastião em todo o mundo.

Eu sou brilho do Sol, sou brilho da Lua
Dou brilho às estrelas porque todas me acompanham
Eu sou brilho do mar, eu vivo no vento
Eu brilho na floresta porque ela me pertence
(Hino 26 do hinário “Nova Jerusalém”)

Os daimistas tomam os hinos como mensagens divinas. Sendo assim, sustento que a música pode ser entendida como discurso, mediante a peculiaridade dos rituais do Santo Daime e do lugar de destaque no qual é colocada, sendo utilizada como veículo principal na transmissão dos valores e práticas do grupo. Padrinho Sebastião Mota de Melo, fundador da vertente do Santo Daime aqui analisada, se auto-apresentou como o legítimo sucessor de Raimundo Irineu Serra e fez tal declaração através de muitos de seus hinos (além de afirmar sua íntima relação com São João Batista, sendo uma espécie de manifestação ou reencarnação do mesmo). Já a oferta do hino “Eu sou brilho do Sol” – ao menos na ótica descrita por Paulo Roberto, ganhador do presente – parece indicar um movimento semelhante ao ser interpretada como uma dedicação musical que parecia lhe transmitir a própria missão do Santo Daime.

Vemos então a existência de uma certa liberdade na leitura deste discurso (poesias cantadas e ofertas).

Outros hinos recebidos pessoalmente por Paulo Roberto narram a vinda do Santo Daime ao Rio de Janeiro e o colocam também na posição de um dos possíveis sucessores do Padrinho Sebastião. O legado, mencionado acima e confirmado “de várias outras maneiras”, é trazido à tona pelos hinos abaixo, especialmente no segundo deles com o nome de “A missão”.

Veio da floresta como um beija-flor, pousou na beira mar e expandiu o seu amor
Mostrando para todos o caminho do Senhor ajuntando os seus filhos na estrada do amor
(Trecho do hino “Beija-Flor”, número 29 de Paulo Roberto).

Eu vim aqui no Oriente na terra do Sol nascente, eu vim para cumprir
Sim eu vim cumprir designio universal do Príncipe Imperial
O Príncipe Imperial foi quem mandou levantar esta bandeira
Brasileira, celestial do brilho da Santa Luz de cristal
O brilho da Santa Luz de cristal, da Virgem Soberana Mãe Santíssima
Sereníssima, Rainha da Compaixão
Oh! Virgem da Conceição
A Virgem da Conceição entregou ao nosso Mestre
A bandeira da Verdade, da caridade
Sabedoria, luz de conhecimento
A doutrina e seus fundamentos
Nosso Mestre transmitiu o que recebeu
Ao seu sucessor, meu São João
Com seu coração de ouro e a coragem de um leão
Meu Padrinho retransmitiu pelas terras do Brasil esta doutrina do amor
E me ensinou a ter coragem, força de vontade, comunicar a mensagem
Assim é que um brasileiro aprendeu com um guerreiro
A viajar pelo estrangeiro com a luz na mão
Beija-flor atravessou os oceanos, chegou aqui no Japão
Eu peço ao meu Padrinho e ao nosso Mestre
Proteção pra essas igrejas, santas defesas
Para aqueles que professam esta fé, que possam ficar de pé
(Hino 148, “A missão”, Padrinho Paulo Roberto)

Como foi mencionado, o Céu do Mar é a primeira igreja localizada fora da região Norte do Brasil e os dois hinos acima destacados oferecem um importante material acerca da expansão da

doutrina e conseqüentemente da bebida ritualizada. No primeiro exemplo, a letra da música apresenta a trajetória do Santo Daime em seu percurso do Amazonas ao Rio de Janeiro mediante o simbolismo do beija-flor, que “veio da floresta e pousou na beira mar”. Já o segundo hino, vai ainda mais adiante com o “beija-flor atravessando os oceanos e chegando no Japão”. A história de vida de Paulo Roberto Silva e Souza acaba confundindo-se com o percurso do Santo Daime, que aqui descrevemos, principalmente por traçar esse paralelo entre uma história individual e o próprio desenvolvimento da religião: “Meu Padrinho retransmitiu pelas terras do Brasil essa doutrina do amor e me ensinou a ter coragem, força de vontade e comunicar a mensagem. Assim é que um brasileiro aprendeu com um guerreiro a viajar pelo estrangeiro com a luz na mão. Beija- flor atravessou os oceanos, chegou aqui no Japão”.¹⁹

Outro fato interessante vale ser mencionado: o hino “A missão” foi recebido espiritualmente por Paulo Roberto em visita realizada a uma igreja japonesa no ano de 2004. Este cântico, ainda que seja musicado na escala natural (primitiva) de dó maior, o que é bastante comum no gênero musical dos hinos, não apresenta a utilização do fá e o do si, pressupondo-se uma similaridade com a escala pentatônica, típica da música oriental.²⁰ Combinada com uma acentuação rítmica particular nos versos cantados, este hino cria uma paisagem sonora própria, remetendo a um possível imaginário do Oriente. Como consequência o hino foi ofertado para o líder de uma igreja no Japão. Percebemos então que a oferta de hinos conecta redes de

¹⁹ Nos dois casos existe uma super valorização da “floresta” e do “Brasil”, fato este que se torna indiscutível mediante o enunciado “o Príncipe Imperial foi quem mandou levantar esta bandeira *brasileira* celestial, do brilho da Santa Luz de cristal”. Surge a noção de brasilidade associada a uma idéia do “celeste”. Esse fato por si só é interessante no estudo da religião no Brasil - como sugeriu Soares (1990) - ainda que não seja o foco do presente estudo.

²⁰ As melodias dos hinos são geralmente tocadas nas escalas principais do modo maior ou menor, especialmente a escala “natural” (também chamada de primitiva) - com muito poucos exemplos em escala cromática - e, embora sejam perceptíveis uma considerável variedade de tons, o dó e o ré maior e o lá menor são possivelmente os mais praticados. No caso do modo maior, as escalas subtônica e principalmente a de quarta aumentada podem também ser ouvidas e no modo menor a harmônica e a melódica são utilizadas, embora esta última apareça menos. A harmonia é baseada em acordes simples, chamados de puros na escrita musical do Ocidente e compostos basicamente por três notas (triades). As harmonias e escalas lembram algumas músicas tradicionais brasileiras como a ciranda e o forró. Não são utilizados acordes mais complicados com adições do tipo “dó com nona, sétima, etc.” - presentes na MPB, por exemplo - o que fugiria à estrutura dos acordes triades.

relacionamento a curtas e longas distâncias e o presente musical sempre traz alguma característica poética e/ou musical (como neste caso) possivelmente associada tanto ao doador quanto ao receptor da oferta. Assim como na poesia, o presente “atravessou os oceanos e chegou no Japão”.

2.5.2 O anjo de Deus nos protege

A história de Nilton Caparelli também merece destaque. Organizador da primeira viagem para a Europa realizada pela comitiva do Padrinho Alfredo em 1992, com passagens pela Espanha, Itália, Bélgica e Alemanha, Caparelli havia recebido cerca de dois anos antes o presente que segundo ele corresponde a uma previsão do desenrolar da história.

“Uns seis meses ou um ano antes de receber o meu primeiro hino, que foi em julho de 1991, o Padrinho Alfredo me deu um presente. Nós estávamos trabalhando juntos em um feitiço do Santo Daime, ele me chamou e falou assim ‘anota aí, me ajuda aqui’. O Padrinho Alfredo foi falando e eu fui escrevendo e quando terminou disse que tinha recebido aquele hino e que me dava de presente. Aí eu fiquei muito orgulhoso, até um pouco envaidecido por poder estar recebendo e ao mesmo tempo surpreso por tanta beleza e pelo que vinha por trás disso. Foi o que me deu condições espirituais para que eu pudesse desempenhar o meu papel de companheiro dele pelo mundo nessas viagens de expansão. Uma coisa interessante nesse hino é que na verdade foi uma previsão de tudo o que ia acontecer. Naquela época a gente tinha feito uma única viagem pelo Brasil e ali no hino ele fala ‘O anjo de Deus nos protege, de leste a oeste, de norte a sul’ abrindo um caminho que estava seguro espiritualmente, não é? A partir daí nós viajamos o mundo inteiro. Durante a década de 90 foram muitas viagens para fora, muitos países, uma expansão muito grande. Então ele teve essa comunicação com o astral que se comprovou numa Verdade. Foi o que aconteceu porque nós passamos por situações no exterior muito difíceis. Uma vez em um castelo a gente foi fazer um trabalho e estava tudo cercado pelos carabineiros italianos com metralhadoras para prender todo mundo, situações desse tipo e sair tudo bem, tudo legal. Entendeu? Então nós estávamos com o ‘Anjo de Deus’ protegendo de norte a sul e essas coisas também foram consolidando a nossa amizade e nossa confiança.”

O anjo de Deus nos protege com seu santo manto azul
De leste a oeste, de norte a sul. Viva a estrela do azul
Que faz brilhar as estrelas do céu do arcanjo Rafael
Este globo gira perfeito com diversas amostragens de cor
É Deus em tudo, é o fruto, é a flor. Vida do meu Criador
Que faz brotar com todo vigor. Vida do Rei do amor
(Hino 157 do hinário “O Cruzeirinho” do Padrinho Alfredo)

O hino doado abriu e deu nome ao hinário de Nilton Caparelli, que tem atualmente nove hinos, e ajudou a consolidar o vínculo de amizade e confiança com o Padrinho Alfredo. Segundo o receptor do presente, os convites para o exterior foram acontecendo espontaneamente e hoje, além de dirigir a igreja carioca Jardim Praia da Beira-Mar, Caparelli coordena a produção e distribuição internacional do Santo Daime, participa da administração da igreja Céu do Juruá no Amazonas e também da secretaria internacional do Santo Daime, organizando, entre outras coisas, o encontro bienal das igrejas européias. Tudo isso, segundo relata, também estimulado pela oferta do hino “Anjo de Deus”, desencadeador de uma maior aproximação e sentimento de amizade.

“Antes do hino e antes da primeira viagem à Europa eu estava me aproximando mais do Padrinho Alfredo, não podia dizer que era um amigo completo, como hoje, mas estava se iniciando uma amizade forte, estabelecendo uma relação de confiança. Foram nos primeiros anos da década de noventa, nesse princípio, que nós estabelecemos esse contato e ele começou a sair do Brasil comigo. Eu era responsável por todos, as pessoas não tinham nem andado muito pelo nosso país e já estavam andando no exterior. Então para eles saírem com uma pessoa pelo mundo tinha que se estabelecer um vínculo forte de confiança, porque não é brincadeira você ir para um país estranho, não conhece a língua e os hábitos. Isso tudo foi muito importante para a gente ter aprofundado cada vez mais a nossa amizade e nosso sentimento do prazer de estar junto.”

2.6 Rompendo fronteiras

Até agora vimos casos de ofertas entre padrinhos e madrinhas ou líderes de igrejas, figuras ilustres que na maioria das vezes pertencem à família de Sebastião Mota de Melo e/ou possuem seus hinários periodicamente cantados. Entre os fardados de menor expressão no quadro doutrinário as ofertas obedecem à mesma lógica e seus hinários, cantados por um menor número de pessoas e em poucas datas (como nos dias de aniversário), também operam segundo as mesmas regras do presentear, com ofertas entre grupos de pessoas mais ou menos restritos. Assim como ocorre entre os líderes, os hinos ofertados entre os demais fardados também evocam uma idéia acerca da personalidade ou essência de quem recebe o presente.

E as relações assimétricas? Existem ofertas que partem dos antigos líderes para os fardados de menor visibilidade ou destes para padrinhos e madrinhas?

Este ponto abre novas questões na análise da oferta de hinos. Se a dádiva está a serviço do vínculo, mantendo ou criando relações entre os parceiros, haveria pontes ligando postos hierárquicos distintos por intermédio deste tipo de doação?

Há, no meu entender, mais do que um único ciclo de oferta de hinos. Na prática, o primeiro deles e de maior visibilidade encontra-se entre os líderes fundadores do Cefluris e/ou antigos seguidores, já os demais subconjuntos são formados por grupos menores, contidos neste círculo original mais amplo e limitados aos iniciados, amigos e parentes que comungam a bebida. É como se alguns fardados, na companhia de familiares e/ou amigos, tivessem seus próprios parceiros neste sistema. Todos esses grupos de indivíduos podem ligar-se entre si quando novas amizades e casamentos se sucedem, muitas vezes conectando ou confirmando, através dos hinos, pessoas que não tinham contato *à priori*. Parafraseando Mauss, a troca de hinos é apenas um termo do “contrato” mais amplo e permanente entre os parceiros. Sua peculiaridade é a de ligar os mortos e os vivos e/ou estes entre si, em trocas de hinos apresentadas como espontâneas.

No dizer do Padrinho Alfredo as ofertas são “vínculos familiares”. Assim, participar da troca com algum membro da família de Sebastião Mota é legitimar o parentesco simbólico do adepto com a principal família desta vertente do Santo Daime. Portanto, ganhar hinos como presentes vindos de um dirigente de igreja é algo que nunca será recusado por um membro da doutrina. Com um presente deste tipo, o fardado se sente orgulhoso, lisonjeado e até envaidecido pela proximidade afetiva que a oferta desperta, muitas vezes descrita como um sentimento de pertencimento.

Vejamos alguns casos envolvendo esse tipo de oferta.

2.6.1 “O presente que o vento soprou, aos pés do Cristo Redentor”

De acordo com alguns informantes, no ano de 1984, antes da primeira visita do Padrinho Sebastião ao Rio de Janeiro, Alfredo Gregório de Melo conheceu a cidade e pela primeira vez viu o mar. Na época alguns poucos daimistas da recém-formada igreja Céu do Mar, que um ano antes haviam conhecido a família de Sebastião Mota em visita ao estado do Amazonas, acomodaram o estimado Padrinho Alfredo e parentes em suas próprias residências. Laços de afinidade nasciam entre o filho do grande líder e os novos adeptos do sudeste brasileiro. Um exótico e audacioso ritual no morro do Corcovado celebrou esta visita e Biná, a mais velha do grupo, na época com quase cinquenta anos de idade, foi talvez uma das principais anfitriãs nesta primeira estadia do Padrinho Alfredo Gregório de Melo no Rio.

Esta história foi um dos grandes marcos na mudança do estilo de vida desta seguidora da religião, que três anos mais tarde abandonou sua atividade profissional em uma empresa de turismo na zona sul do Rio de Janeiro e foi morar na comunidade Céu do Mapiá onde vive a

vinte anos. Segundo Biná foi após o ritual no Corcovado que ela recebeu “o melhor e mais bonito presente de sua vida”, que a fez ter certeza da completa ligação espiritual com a doutrina.

“Um grande amigo que também tomava Daime, produtor de cinema e televisão, pediu à direção e fez uma carta pedindo a cessão do Corcovado dizendo que era para uma filmagem. O pedido foi concedido e nós chegamos até lá com tudo o que precisávamos para o trabalho. Sete horas da noite nós entramos para fazer esse trabalho incrível bailando e cantando ao redor do Cristo Redentor. O vento da praia na madrugada era tanto frio que nada nos agasalhava até as sete horas da manhã. Cantamos hinos do Padrinho Alfredo e em um momento de silêncio do trabalho eu estava do lado dele e percebi que cantarolava um hino que eu achava que ele estava recebendo, baixinho. O hino estava começando a nascer e eu senti inclusive que o hino seria meu, tive a intuição, mas ele não disse nada e não cantou. Ele foi embora ao Mapiá, voltou e não disse nada a respeito do hino e eu esqueci também. Aí, dois meses depois desse acontecido alguém veio de lá trazendo uma fita muito interessante gravada por ele. Então o mensageiro, que eu não me lembro quem foi, disse: ‘Ah, estou aqui com uma fita, vamos fazer uma reunião?’. Então eu não sabia de nada, mas convidei o grupo, fizemos um jantar e nessa fita vieram quatro hinos. Nós botamos para tocar e o Padrinho Alfredo faz a dedicatória, foi uma surpresa muito boa. Ele nos cumprimenta e quando canta o hino ‘Cristo Redentor’ diz ‘este hino eu ofereço para Biná’. Uma coisa incrível, diz e aí ele canta (risos) [O que sentiu na hora?] Um presente. Uma alegria muito grande mesmo. Eu vi que eu estava completamente ligada com a história, como estou até hoje, moro lá e vivo disso, meu estudo espiritual, a minha vida agora toda é em função do Daime. Porque são vinte e quatro anos de estudos profundos, porque o Daime é muito sério. Se você for prestar atenção, você vai ver que os hinos são históricos, eles marcam épocas e isso é a coisa mais linda, a história do Daime está no hinário de cada um e lembramos de tudo aquilo quando cantamos o hinário. O hinário do Padrinho Alfredo para mim é muito importante porque é o começo da minha história espiritual com o Daime, ainda mais eu tendo esse hino que eu amo (...)Ele fala do vento que soprou e realmente ventava muito, fazia muito frio naquela noite. Aí ele faz uma saudação, é um presente maravilhoso e espiritual, do qual fiz parte, do Rio de Janeiro, da minha história, entende? Me dá uma alegria muito grande ser possuidora deste hino, dele me pertencer. [A senhora vê alguma razão para esta oferta] Não sei. Eu acho maravilhoso ele ter ofertado para mim, mas a razão? Eu não recebo hinos de forma mediúnica, eu nunca recebi hinos e pelo que eu sei quando você recebe um hino quase sempre ele já vem para a pessoa. Esse hino ele recebeu, estava a meu lado e ele viu que era para mim esse hino. Eu acho que o motivo é esse.”

O hino “Cristo Redentor” é o número 143 do hinário “O Cruzeirinho” do Padrinho Alfredo:

Em homenagem vou cantar este presente, em união para todos compreender
Lembrando a Lua e a luz do Sol nascente, sentindo o mar e as montanhas perceber
Saúdo a todos que se fazem aqui presentes, rogando a Deus para todos entender
Que o tempo é chegado para todos, filhos de Deus que desejarem aprender
Esta força é viva no Espírito de cada um que em matéria está vivendo
Somente Deus é quem domina todos seres, juntinho à Mãe sabe o que está fazendo
Eu agradeço a Jesus Cristo Redentor, à Virgem Mãe com carinho e com amor
Ao Mestre Império, ao Senhor São Irineu, meu Pai e eu e todos que acreditou
Eu arremato agradecendo a natureza, esta beleza que o vento me soprou
Louvados sejam sempre os seres divinos, dou viva a Deus aos pés do Cristo Redentor

Segundo a receptora do presente o hino ofertado pelo Padrinho Alfredo – que por sua vez o havia recebido do “vento”, de acordo com a poesia – é a confirmação da missão espiritual posteriormente concretizada em sua mudança definitiva à Vila Céu do Mapiá. Enquanto registro de um momento ímpar na história desta religião em sua expansão ao Rio de Janeiro, o presente recebido ainda hoje faz Biná sentir-se alegre e parte integrante da história (sua própria e da doutrina) contada (cantada) no hinário. As canções dos padrinhos e madrinhas seriam não só uma lembrança de suas biografias, mas o relato mais abrangente do histórico oficial da própria doutrina, sintetizando a vida espiritual como um todo: o “Terceiro Testamento” por excelência²¹. O peso simbólico de participar de uma parcela significativa desta história divina é o que faz do hino o presente mais especial na vida de Biná. Por intermédio da oferta ela é então convocada a ingressar no círculo íntimo do Padrinho Alfredo, cujo hinário passa a ser o mais importante em seu ponto de vista.

O hino fala quase em sentido literal sobre a cerimônia realizada “aos pés do Cristo Redentor”. Ainda nele encontramos uma forte referência à ligação entre Mestre Irineu, Padrinho

²¹ Esses são termos utilizados por alguns fiéis em referência aos hinários dos líderes, especialmente o “Cruzeiro” do Mestre Irineu.

Sebastião e Padrinho Alfredo, recontando a trajetória biográfica de Alfredo Gregório de Melo e da doutrina a um só tempo, afirmando através do hino o papel de Alfredo como sucessor do pai que por sua vez havia sucedido o Mestre: “Ao Mestre Império, ao Senhor São Irineu, meu *Pai* e *eu* e todos que acreditou”. Neste trecho o hino rememora os principais líderes em sucessão cronológica culminando com “todos que acreditou” – referindo-se aos os seguidores (incluindo Biná e os primeiros seguidores do Santo Daime na cidade do Rio de Janeiro).

De lá para cá Biná recebeu diversas ofertas de filhas, filhos, netos, padrinhos, madrinhas e amigos e pode-se dizer que ela participa do ciclo dos hinos na posição exclusiva de receptora de ofertas, já que nunca recebeu cânticos diretamente dos seres espirituais.

2.7 Adentrando o círculo dos padrinhos e madrinhas

E quando a oferta parte de um fardado? Marcel Mauss (1974) já havia percebido que a dádiva é um “convite à parceria” e portanto negar um presente é recusar a aliança. Miller também destacou a recusa como um risco inerente à troca, que longe de ser um sistema estático é agenciada pelos indivíduos na interação social.

Os hinos da maioria dos fardados podem ser cantados em trabalhos pequenos (como aniversário), assim como determinado cântico pode ser escolhido por músicos e puxadoras para compor a coletânea dos “hinos de despacho”²² de uma igreja em particular, caso sua poesia aborde a questão da distribuição e ingestão do Santo Daime. Já os trabalhos fora do calendário oficial, estão mais abertos às canções de diversos fardados: dia de Iemanjá com hinos de diferentes pessoas que falam deste orixá, etc. Agora, quando o hino de um fardado é ofertado, aceito e posteriormente ingressa em um hinário oficial, de um padrinho ou madrinha, o cântico

²² Os *hinos de despacho do Daime* são cantados no momento da distribuição do sacramento líquido e agrupados de acordo com esta temática. Esses cânticos falam da bebida em si e do ato de consumi-la, obedecendo aos valores e crenças do grupo.

pode entrar no calendário da doutrina, sendo cantado nas igrejas em trabalhos considerados oficiais. Como normalmente acontece, o nome da pessoa é então publicado na seção dos “hinos ofertados” daquele que legitima o presente. Contudo, a troca diferencia-se de uma simples declaração pública de afinidades e sobrevive sob uma ideologia do presentear gratuitamente e motivada pelo discurso de profundo desinteresse.

Se existem significados relacionados com as histórias de vida daqueles que recebem o hino e a oferta, anexar um presente deste tipo em seu caderno de hinos é reconhecer publicamente uma certa imagem e semelhança ou proximidade com o doador, já que ambos se vêem no mesmo hino. Isto não é muito difícil quando se dá entre amigos, parentes e entre os líderes, todos “iguais”. Mas quais são as peculiaridades deste tipo de troca quando vem de baixo para cima no corpo doutrinário, ou seja, o que acontece quando um recém-iniciado oferta um novo cântico a uma figura ilustre?

Alguns dos líderes optam por não possuir um “hinário de ofertados”, colocando apenas os hinos oferecidos por padrinhos e madrinhas na abertura de seus hinários pessoais. Algumas vezes os líderes já possuem hinários volumosos e afirmam que ficariam com muitos hinos caso viessem a publicar as diversas ofertas que recebem dos fardados. Nestes casos ganham hinos como presente mesmo sem publicá-los. Chegam a escutar as ofertas alheias e mesmo que as admirem não passam a memorizá-las ou cantá-las em seus hinários.

“Olha, depois de um tempo as pessoas costumam me ofertar algum hino. A pessoa oferta um hino de seu hinário, acho até com a finalidade de ficar assim mais integrado comigo [E como faz? Toma conhecimento desses hinos? Chega a conhecer?] Eu conheci quase todos. Não tenho é desenvolvido o ensaio diretamente, mas com certeza me dão sempre anotado, gravado ou então eu recomendo que passem para tais e tais pessoas que estão cuidando dessa parte. Estamos organizando para que isso também tenha o seu valor, um hinário junto, uma junção de hinos de vários irmãos num só caderno [E os hinos que oferta?] Basicamente as pessoas que receberam hinos meus de presente, iniciaram seus hinários com eles. Se ele já tinha um hinário iniciado, ele colocou no começo.

Alguns hinos podem também estar numa parte ideal ali do hinário.” [Padrinho Alfredo]

“A Madrinha Rita tem todos os ofertados dela, a Madrinha Júlia também, não é? E também muitos outros padrinhos. Mas normalmente a gente coloca no início do hinário as ofertas do pessoal que vem na frente da gente, que precederam e que abriram caminho, dando uma guia. No meu caso tenho hinos do Padrinho Sebastião, Madrinha Rita, Alfredo, Valdete e Nonata na abertura de meu hinário.” [Padrinho Paulo Roberto]

Os rituais e os cadernos recebem o mesmo nome, *hinário*, e possuem uma forte semelhança estrutural, enquanto dimensões de uma mesma experiência. O costume dos fardados é o de colocar as ofertas dos padrinhos nas primeiras páginas dos hinários encadernados, cantando-os em primeiro lugar. Em seguida são entoados os hinos da própria pessoa e então, só depois, pode-se cantar os hinos oferecidos por outros seguidores. Esta composição dos cadernos assemelha-se à estrutura do bailado, já que na fileira da frente situam-se os líderes, cujos hinos serão cantados “na frente”. Assim como as alas do bailado levam em conta o desenvolvimento musical dos adeptos, os caderninhos publicam o reflexo desta mesma noção de desenvolvimento e novamente a habilidade musical e espiritual é um parâmetro definidor de quem está na frente ou atrás nos hinários (rituais e cadernos). Habilidade esta, que, diga-se de passagem, é tida como sendo quase inata entre os membros da família de Sebastião Mota, detentores de um prestígio especial e exemplos da conduta ritual-musical idealizada pelos grupos de daimistas.

“Recusar” não é um verbo utilizado no universo das ofertas, e ainda que o hino doado não ingresse no caderno do receptor, esta resposta não é necessariamente vista como uma “recusa”. Como mencionado, padrinhos e madrinhas (ou outros) podem não estar dispostos a multiplicar a quantidade de hinos que possuem. Existem basicamente duas conseqüências para um hino ofertado. Na primeira, o receptor ouve o presente, guarda o papel da letra, a fita ou Cd (caso

sejam dados), geralmente agradecendo e/ou elogiando o novo cântico e depois dificilmente o cantará novamente, especialmente quando este padrinho (ou madrinha) não tem o costume de entoar os hinos que recebe dos fardados. O doador então escreve em seu hinário encadernado que o cântico foi de fato dado a tal expoente da doutrina, registrando aquele momento. Certa vez um rapaz me contou ter ouvido o hino de uma moça dizendo em seus versos “ninguém pode se firmar” e ele então sugeriu após o término da cerimônia “Por que você não canta ‘todos *podem* se firmar’ ao invés de ‘*ninguém* pode’?”. A moça muito irritada com a “correção” respondeu “vá falar com o Padrinho Valdete porque eu dei este hino para ele”. O rapaz comentou comigo: “ela quis dizer que o Padrinho Valdete tinha ‘passado o visto’, mas já imaginou a quantidade de hinos que esses padrinhos recebem? O Valdete mesmo nem canta os presentes dele, mas aceita, fazer o que, vai sair negando por aí?”.

A segunda possibilidade de um hino que foi doado diz respeito a líderes que fazem questão de organizar os “hinos ofertados”, publicando os nomes dos doadores. Isso tende a ser o início de uma maior aproximação entre seguidor e padrinho (ou madrinha).

2.7.1 Da vergonha à alegria: a amizade gerada da oferta

No ano de 1994, a estimada Madrinha Júlia, na época com sessenta e um anos de idade, passava uma temporada no Rio de Janeiro e sofreu um acidente seríssimo, ao cair da altura de quase quatro metros, fraturando a bacia. O jovem Cadú, fardado havia apenas um ano, recebeu um cântico neste mesmo dia, após uma oração pela cura da madrinha e entendeu que deveria oferecer-lhe a mensagem musical na forma de um presente. Inicialmente envergonhado e nervoso, como é de praxe nos casos de ofertas deste tipo, Cadú sentiu um ar de desconfiança por parte das senhoras que acompanhavam a Madrinha Júlia no quarto, mas pediu para cantar e

se surpreendeu com a resposta positiva daquela que recebeu a oferta. Mesmo sem saber o nome do jovem doador, Madrinha Júlia referiu-se a esta canção durante cerca de seis anos, pedindo ajuda de diferentes pessoas, em meio a sucessivos e espaçados encontros e desencontros até colocá-la definitivamente junto a seus hinos.

“Eu fiquei com muita vergonha porque pensei ‘Madrinha Júlia. Quem sou eu?’. Besteira, quando eu fui lá e apresentei, ela estava muito triste, abatida e esse hino trouxe um bem estar para ela tão grande que nunca esqueceu e sempre que me via, não sabia nem meu nome, mas falava ‘canta aquele hino’. Firmou, colocou no hinário dela e canta lá no Mapiá. Chegou na hora lá, ela ouviu, estava deitadinha na cama, aí eu entrei e falei: ‘Madrinha, a gente fez uma oração no dia que a senhora se acidentou, recebi um hino e queria cantar porque acho que é para a senhora’, aí ela falou ‘canta meu filho’. Tinham umas pessoas, umas mulheres no quarto que não me conheciam e olharam meio desconfiadas, tipo: ‘o que esse cara vai cantar no ouvido da Madrinha?’”. Fiquei tão nervoso e tive que fechar o olho. Eu lembro que isso foi em 94 e eu tive com ela só em 97 quando estive no Rio de Janeiro, porque eu mesmo nunca fui ao Mapiá. Ela se lembrou e pediu para eu cantar ‘aquele hino que você me deu quando eu estava doente, canta aí’, muito especial não é cara? [E como entrou no hinário dela?] Aí uma colega nossa foi ao Mapiá, passou um tempo e a Madrinha ficou toda feliz porque ela conhecia o hino e falou ‘Pô, você conhece aquele hino daquele menino do Céu do Mar?’, não sabia nem meu nome. Falou ‘diz para ele firmar lá no Céu do Mar. Quando cantarem meu hinário, cantem esse hino porque eu vou cantar aqui também’. [E o que você sentiu a primeira vez que tocou seu hino no hinário dela?] Nossa senhora! Tive a honra de saber em 2000, quando o pessoal lá de Petrópolis foi no Mapiá e a Madrinha viu o pessoal e pediu de novo. Isso foi em 2000, olha como é que foi: ‘Sabe aquele hino daquele menino, o Cadú?’, aí já sabia meu nome. Quando minha amiga voltou de viagem e contou isso para mim, fiquei tão prosa que falei ‘Pô, nunca fui ao Mapiá, mas o hino já foi, né?’. A primeira vez que cantei esse hino no hinário dela foi uma sensação muito especial, me senti assim dentro até de uma responsabilidade, não sei explicar. Não é uma graduação de um título de alguma coisa que você seja mais valorizado porque o hino está no hinário de uma madrinha ou de um padrinho, mas uma sensação muito boa, ter aquele conjunto de hinos e o seu estar ali dentro, lembrando aquela história, aquele momento, é uma satisfação pessoal muito grande. Eu gosto muito da Madrinha Julia também.”

A oferta deste hino despertou diferentes sentimentos no doador, desde a entrega até a aceitação e publicação no hinário. Em primeiro lugar sentiu-se envergonhado, talvez supondo que uma igualdade parcial entre ele e a experiente madrinha pudesse não ser reconhecida por

aquela de maior prestígio: é o risco inerente à oferta (Miller, 1993). Pouco depois Cadú sentiu prazer e satisfação quando teve a legitimidade de seu hino reconhecida. O doador também se sentiu honrado e com uma responsabilidade especial por fazer parte de um hinário tão estimado coletivamente, ainda que afirme não se tratar de uma maior valorização da sua pessoa em meio aos demais.

É curioso que neste exemplo o vínculo nasce do hino e não o contrário, já que apenas Cadú sabia quem era a Madrinha Júlia, fato marcado pela atenção dada ao hino mesmo antes da madrinha memorizar o nome próprio do doador. Por fim o hino rompeu barreiras geográficas e hierárquicas, fazendo a ponte do Rio de Janeiro ao Mapiá, lugar que Cadú nunca teve a oportunidade de conhecer. Também estabeleceu uma aliança com a madrinha na época em que ele era um “Zé ninguém”, conforme explicitado em outro trecho da entrevista. A humildade da líder também foi ressaltada pelo entrevistado e sua pessoa ainda mais valorizada, pois ela do alto de seu posto na religião permitiu que um desconhecido adentrasse em seu universo de relações particulares, por intermédio do hinário. A oferta de hinos, um “sistema de prestações totais” (Mauss, 1974), fez doador e receptora – embora agentes autônomos e independentes – compartilharem de uma maior proximidade, reafirmando o vínculo que nasceu da oferta no desdobramento sucedido com trocas de outra ordem, como gentilezas e almoços. Assim completou o entrevistado:

“O hino definitivamente fez a nossa relação, porque a gente não tinha. Ela não me conhecia e até hoje que sou fardado há quase quinze anos, nunca fui ao Mapiá. Se não fosse esse hino a gente não teria ligação quase nenhuma, só espiritual mesmo, igual ao que ela tem com todos, não é? [Você já conversou outras coisas com ela?] Da vida? Já, já. Graças a Deus e tudo isso depois dessa história, até porque a gente começou a ter esse relacionamento depois do hino. Já tive oportunidade de encontrar e ela sempre pergunta como vão as coisas, como está a família. Quando ela vem no Rio, me chama para almoçar. [Então passou a considerá-la uma Madrinha especial?] É verdade. Com a Madrinha Julia tenho uma relação mais assim que seria de mãe, de madrinha mesmo. Se

eu for recorrer a alguém, vou recorrer a ela. Ela me conhece, vai olhar para mim e vai falar ‘senta aí’ e antes do hino não tinha realmente isso. [Por que?] Não sei, tive a impressão de que ela se sentiu inclusive muito lisonjeada, apesar de eu ser um ‘Zé Ninguém’ na época principalmente, eu tinha acabado de chegar no Daime. ‘Poxa, você recebeu um hino para mim?’, ela tem uma certa humildade, uma coisa que a gente não vê muito por aí hoje em dia, mas eu senti que ela teve uma felicidade de receber aquele hino. Inclusive eu lembro que esse hino fala da chuva e na época estava muito tempo sem chover e choveu, essas coincidências agradáveis que acontecem no Daime.”

2.8 O potencial ofensivo de um hino ofertado

Existem ainda casos atípicos onde alguns hinos foram realmente negados ou por algum motivo não puderam ser publicados nos cadernos. Destaco uma curta história.

Dois conhecidos estavam no ritual de feitiço do Santo Daime, ajudando a preparar a bebida e por algum motivo se desentenderam. Chegaram a discutir e passados algumas horas em silêncio um deles afirmou ter recebido um hino, mas antes de cantá-lo fez questão de ofertar ao outro rapaz. Curiosamente a canção trazia em seus versos um tipo de afirmação do ponto de vista daquele que cantava, sendo uma espécie de aval divino afirmando que o receptor do hino (doador do presente) estava com a razão na discussão que os havia deixado exaltados. O receptor da oferta, ainda convicto de sua posição, sentiu-se impedido de aceitar o presente e chegou a dizer “não vou aceitar porque isto não é um hino, é uma flecha”.

Essa história bastante incomum dramatiza a natureza do vínculo doador/receptor de forma especial. O presente não correspondia a uma imagem positiva que o receptor da oferta entendesse como sendo adequada à sua pessoa e ao contrário de ser um pedido de perdão ou união, o hino tinha o propósito de retomar a discussão “atingindo” (como uma “flecha”) um dos lados com a autoridade da “voz” supostamente divina, o que só um hino poderia reivindicar – como se fosse um tipo de juiz dando o veredicto final. A troca, uma linguagem, é vivida por

indivíduos concretos agenciando normas gramaticais em seu manuseio; dizer então que “não era um hino” é questionar a autenticidade de sua autoridade divina e negar a oferta é não aceitar ser visto da maneira como o cântico e seu doador propunham. Mais uma vez uma das regras fundamentais da oferta de hinos, ligar doador e receptor enquanto imagens e semelhanças do presente, foi reforçada com a recusa. Muitas vezes a importância de uma regra social pode ser percebida com maior facilidade nos momentos em que é quebrada.

Esse conjunto de situações narradas, em que hinos recebidos/ofertados servem como criação de vínculos afetivos, dramatização de hierarquias e até mesmo insultos, ilustra a fecundidade do recurso às teorias da dádiva para se interpretar a circulação de hinos do Santo Daime como um sistema-dádiva, com regras gramaticais próprias e suscetíveis ao manuseio dos indivíduos. Os daimistas interpretam e falam sobre seus interlocutores daimistas e sobre o cosmos, de diferentes formas: através dos hinos e das ofertas, de acordo com os lugares que ocupam dentro de relações específicas – parentesco, amizade e/ou posições hierárquicas na doutrina.

Considerações finais

Dialogando com o campo da dádiva na área da antropologia busquei analisar neste artigo a centralidade dos hinos na religião do Santo Daime como veículo especial na construção de relações e papéis sociais. A música, enquanto meio de comunicação, não está limitada, nos rituais religiosos do Santo Daime, aos domínios sagrado/profano. Mediante a troca de cânticos, ofertados pelos adeptos entre si, a comunicação não se restringe aos deuses e os fiéis, mas torna-se também horizontal, permitindo com que os daimistas conversem entre si por intermédio destas canções – mesmo porque a música é ali o discurso principal.

O rigor com que os hinos delimitam as etapas (e a agenda) dos rituais é substituído pela imprevisibilidade do recebimento mediúnico dos cânticos, doados pelos seres espirituais presentes no universo daimista nas mais variadas e mesmo inusitadas circunstâncias do cotidiano, na maioria das vezes quando o adepto não está sob o efeito do chá psicoativo. A movimentação do dar e receber hinos não prescreve datas e atores sociais permitindo com que a falta de previsão engendre o discurso emotivo das trocas, onde dar presentes é descrito como a manifestação espontânea de afeto. A oferta de hinos constrói ou alimenta vínculos afetivos entre os parceiros, interlocutores no hinário – tipo especial de biografia dos receptores de hinos – e essa manifestação de sentimentos está muitas vezes relacionada com a consolidação de uma hierarquia do grupo.

Utilizando a noção de gramática, tal como proposta por teóricos da dádiva, a investigação das ofertas esteve voltada para uma análise da tipologia da troca de hinos, partindo de situações específicas: casos de doenças e curas, ofertas entre amigos e familiares, entre os líderes e/ou com os seguidores. No geral, o hino apresenta traços do que seria a personalidade dos três envolvidos no percurso da troca (o ser espiritual, o receptor do cântico e o receptor da oferta). Sendo assim, no plano humano, a oferta do hino evoca uma certa idéia de imagem e semelhança (ou de proximidade) entre aquele que dá e o que recebe o presente. A consequência pode ser a aproximação de duas pessoas auto-identificadas nas músicas com a manutenção de uma relação estreita, o despontar de uma futura amizade ou até mesmo a negação da imagem proposta no cântico, partindo de um dos lados que “recusa a aliança” (Mauss, 1974). Optei por eleger casos muitas vezes conhecidos entre os seguidores desta vertente da doutrina do Santo Daime (linha do Padrinho Sebastião), a fim de demonstrar as nuances da gramática da troca, de acordo com os lugares ocupados por doadores e receptores ao mediarem relações sociais, suscitando e expressando sentimentos específicos.

O esforço de elaboração deste texto foi o de demonstrar os múltiplos espaços reivindicados pela música do Santo Daime, dentro e fora dos cultos, como expressão do sagrado e meio de comunicação entre os seguidores da religião. Espera-se contribuir assim com os campos de estudos da dádiva, da música, da religião do Santo Daime e dos rituais *ayahuasqueiros* como um todo.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Regina. A Doutrina do Santo Daime. In: LANDIM, Líliah (org.). *Sinais dos Tempos*, Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Religião, 1990, pp. 253-263
- BOURDIEU, Pierre. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana*, 1996, 2(2) pp. 7-20.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- CEMIN, Arneide Bandeira. O poder do Santo Daime: Ordem, Xamanismo e Dádiva. São Paulo, Terceira Margem, 2001.
- COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções. Dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.
- GOULART, Sandra. *Raízes culturais do Santo Daime*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, USP, 1996.

GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

GROISMAN, Alberto. *Santo Daime in the Netherlands: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting* Ph.D Thesis in Social Anthropology. University of London. 2000.

LABATE, Beatriz Caiuby e PACHECO, Gustavo. “Hinos e chamadas: música brasileira de ayahuasca”, nesta coletânea.

LABATE, B. C.; ROSE, I. S. de e SANTOS, R. G. dos. *Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico*. Campinas, Mercado de Letras, 2008.

LABATE, B. C. e ARAÚJO, W. S. *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004 (2ª ed.).

LABATE, B. C. e PACHECO, Gustavo. Matrizes Maranhenses do Santo Daime. In: LABATE, B. C. e ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004 (2ª ed.), pp. 303-344.

LABATE, B. C. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

LUNA, Luis Eduardo. *Vegetalismo: Shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon*. Stockholm, Sweden, Almquist and Wiksell International, 1986.

MACRAE, Edward. *Guiado pela Lua: Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1992.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU, 1974.

MORTIMER, Lúcio. *Bença, Padrinho..* São Paulo, Edição: Céu de Maria, 2000.

_____ *Nosso Senhor Aparecido na Floresta..* São Paulo, Edição: Céu de Maria, 2001.

PACHECO, Gustavo. *Os hinos são as correntes: notas para um estudo antropológico da música no Santo Daime*. Texto apresentado para disciplina antropologia da religião, PPGAS, Musel Nacional/ UFRJ, 1999.

REHEN, Lucas Kastrup F. “*Recebido e ofertado: a natureza dos hinos na religião do Santo Daime*”. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UERJ, 2007a.

REHEN, Lucas Kastrup F. “Micropolítica dos sentimentos na religião do Santo Daime” In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul - *Anais RAM*, Porto Alegre, 2007b.

REHEN, Lucas Kastrup F. ““Receber não é compor’: música e emoção na religião do Santo Daime”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 2007c, 27(2) pp.181-212.

SILVA, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo, Edusp, 2000.

Referência para citar este texto: Rehen, L.K.F. Música e troca: a oferta de hinos no Santo Daime. *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos – NEIP*, 2009. Disponível em www.neip.info.